



A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ÂMBITO FONÉTICO: OS RÓTICOS NA FALA DE TRÊS MUNICÍPIOS FLUMINENSES

THE LINGUISTIC VARIATION OF PHONETIC XXX: RHOTICS OF THREE MUNICIPAL DISTRICTS OF RIO DE JANEIRO

Tiana Andreza Melo do Nascimento
Doutoranda em Letras (Letras Vernáculas) pela UFRJ,
Mestre em Língua Portuguesa pela UFRJ, Professora da
Faculdade Cenecista da Ilha do Governador, FACIG.

Resumo

Este artigo detém-se na descrição e análise dos róticos em posição de travamento de sílaba de três municípios do estado do Rio de Janeiro: Petrópolis, Itaperuna e Paraty. São levadas em conta as realizações em meio de palavras e final absoluto. Tomam-se por base os parâmetros da Sociolinguística Quantitativa para a análise estatística dos dados. O *corpus* visa a atender outros processos fonético-fonológicos que não apenas os róticos, dispondo de amostras de discurso semidirigido e de perguntas diretas que contemplam o fenômeno em foco.

Palavras-Chave: variação, sociolinguística, dialectologia

Abstract

This article withholds the description and analysis of rhotics in syllable restraining position of three municipal districts of Rio de Janeiro: Petrópolis, Itaperuna e Paraty. Are taken under consideration the realizations in the middle of words and at the absolute ending. Are taken as basis the parameters of the quantitative sociolinguistics, to the statistic analysis of the data. This corpus has the goal of attending other phonetic-phonological processes, not only rhotics, comprising samples of semidirected discourse, beyond the direct process which contemplate only the phenomenon in focus.

Keywords: variation, sociolinguistics, dialectology

1. Introdução

Um tema recorrente nas discussões acerca da língua portuguesa é o da variação linguística e a necessidade de compreendê-la e aplicá-la, inclusive nas salas de aula, na atualidade. Isso em virtude de a noção de que não existe uma língua una e ideal já se solidificou entre os estudiosos do português – até porque a variação é um componente de toda e qualquer língua, conforme afirma Câmara Jr. (2002). Um falante facilmente distingue um dialeto nordestino de um sulista ou é capaz de comentar as diferenças lexicais nos nomes das coisas, como é o caso de “macaxeira” e “aipim” ou “tangerina” e “mexerica”, apenas para citar dois exemplos.

Esse artigo, por seu turno, compõe-se de uma síntese dos resultados obtidos na pesquisa de Mestrado da autora, baseado em uma das áreas na qual se pode comprovar a variação: o nível primário da língua – o dos fonemas¹. Ainda na articulação ausente de significado é possível traçar limites linguísticos que compõem grupos de falares distintos uns dos outros.

É inserida nessa variação fonético-fonológica que se encontram as chamadas vibrantes ou, de forma mais genérica, os róticos. Os tipos de “erre” produzidos na oralidade do português estão entre os fonemas mais relevantes na delimitação mencionada. Sabe-se que a vibrante em língua portuguesa só apresenta distinção fonológica quando em posição intervocálica (na diferença de sentido entre “muro” e “murro”, por exemplo), fato que deixa evidente a neutralização quando o segmento ocorre em outros contextos.

O que se intenta nesse trabalho, portanto, é a verificação dessas variantes a partir de dados de oralidade no território do Rio de Janeiro. Para tanto a pesquisa contou com a etapa inicial de recolha do corpus e, em seguida, no levantamento e análise dos dados de modo quantitativo. É válido dizer que esse estudo se justifica porque, consoante apontam Callou e Leite (2004, p. 43):

os fonemas s, r e l apresentam, em posição final de sílaba, variações significativas e prestam-se à caracterização dos dialetos regionais. A tendência expressa pelas variações dos fonemas parece ser já a observada em quase todas as línguas: a posteriorização do ponto de articulação da consoante, acompanhada de um processo de enfraquecimento e perda, se em final de palavra.

¹ Pela especificidade do tema, são necessários conhecimentos prévios em fonética e fonologia do português, encontrados, por exemplo, em Silva (2002)

2. As localidades escolhidas

O Estado do Rio de Janeiro é composto de noventa e dois municípios e conta com uma população de mais de dezesseis milhões de habitantes, de acordo com dados do IBGE². Seus municípios são organizados em unidades maiores, as microrregiões. Em meio a outras possibilidades, o fenômeno aqui observado contemplou três desses municípios em regiões distintas, a saber: Petrópolis (da região Serrana), Itaperuna (da região Noroeste Fluminense) e Paraty (da região da Costa Verde). A razão para essa escolha encerra duas justificativas: (i) o de serem pontos equidistantes do Estado, permitindo o estudo da variação e mudança dos róticos em um perímetro abrangente; (ii) o de pertencerem ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil³, do qual já fizemos parte, e permitirem comparações futuras quando da completa recolha nos 14 municípios selecionados pelo Projeto.

3. Pressupostos teóricos

A pesquisa dos róticos pauta-se na base teórica da Sociolinguística Laboviana. Em uma afirmação ampla, é possível compreendê-la como a teoria que tende a unir e esclarecer os níveis social e linguístico, no que tange às relações que estabelecem entre si. Percebe a língua não como um elemento isolado e muito menos homogêneo, mas variado e influenciado por fatores como idade e sexo do falante, por exemplo.

Apesar de ter pouco mais de quatro décadas, a também chamada Teoria da Variação tem encontrado espaço nas pesquisas que anseiam descrever o funcionamento da língua em diferentes estratos. Assim é que nos vários níveis do sistema – fonética, morfologia, sintaxe, semântica e discurso – o formato quantitativo de análise dos corpora enquadra-se nos objetivos desejados.

A Teoria da Variação consta ainda da preocupação com a escolha das variáveis linguísticas e extralinguísticas. No que concerne ao primeiro tipo, pode-se controlar qual a classe gramatical (verbo ou nome, por exemplo), quantas sílabas possui a palavra, quais as vogais/ consoantes que antecedem ou sucedem o segmento fônico estudado, dentre outros.

² Mais dados sobre o estado do Rio de Janeiro em <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=rj>

³ O Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ou Projeto ALiB – é um projeto que visa à composição de um atlas linguístico nacional, e teve seu início no ano de 1996. Mais informações sobre o Projeto ALiB podem ser encontradas no site oficial www.alib.ufba.br, no qual registram-se artigos sobre Dialectologia, informações sobre Atlas internacionais e sobre outros projetos.

Quanto ao segundo tipo, três especialmente sempre encontram espaço privilegiado: o sexo, a faixa etária e a escolaridade.

4. Um pouco sobre a metodologia

A presente pesquisa preencheu todas as etapas de um estudo baseado na Teoria da Variação: desde a composição do corpus até análise dos resultados, passando pelas etapas de transcrição e codificação.

Em cada um dos três municípios que compõem essa pesquisa, foram eleitos dezoito informantes, divididos igualmente nas seguintes características:

- (a) ambos os sexos;
- (b) três faixas etárias: 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 55 anos em diante;
- (c) um nível de escolaridade, que abrange indivíduos com até o oitavo ano do Ensino Fundamental.

Para cada uma das células eram necessários três informantes, que ainda deveriam ter nascido no local pesquisado e não ter vivido muito tempo fora da cidade, como também ter a arcada dentária em boas condições (para não prejudicar a produção fonética dos segmentos). Nas três localidades, os indivíduos da primeira faixa etária (de 18 a 35 anos) foram os mais difíceis de encontrar, o que evidencia a maior facilidade aos estudos nos dias atuais, fato que permite à maioria completar o Ensino Médio.

Para pesquisar as realizações dos róticos, pensou-se em aplicar um questionário de perguntas diversificadas, mas que em todas as respostas houvesse o segmento desejado. Como isso poderia ficar muito explícito para os informantes e porque o corpus seria compartilhado para outros estudos fonéticos, a recolha compreende uma entrevista de duas fases:

- (a) O Questionário Fonético-Fonológico do Projeto ALiB com 159 questões, das quais vinte e sete atendem ao foco desse estudo (/R/ em coda silábica);
- (b) Os Temas para Discursos Semidirigidos, que abrangem cinco questões destinadas a produções de textos orais espontâneos.

Quanto à variável dependente, na etapa inicial, previram-se apenas quatro variantes para as realizações do fonema /r/:

- o apagamento [ø]: “chamar” [ʃa'ma];
- o tepe alveolar [r]: “porta” [ˈpɔrtə];

- a fricativa velar [x, ɣ]: “barco” [ˈbaxku];
- a fricativa glotal [h, h̥]: “fervendo” [fehˈvẽdu].

No grande grupo das variáveis independentes, inserem-se aquelas que correspondem aos fatores sociais e as que pertencem ao nível estritamente linguístico, dentre os quais se procuram aqueles que mais influenciam as variações dos róticos fluminenses. Esses fatores foram extraídos de estudos antecedentes e são importantes para análise quantitativa, realizada no programa GoldVArb. Na presente análise, totalizam quinze conjuntos de possibilidades, discriminados a seguir.

a) O sexo do informante	i) Contexto/ vogal antecedente
b) A faixa etária	j) Contexto subsequente
c) Localidade	k) Modo de articulação da consoante subsequente
d) Tipo de discurso	l) Ponto de articulação da consoante subsequente
e) Posição do -R no vocábulo	m) Sonoridade do segmento subsequente
f) Número de sílabas do vocábulo	n) Composição morfológica do vocábulo
g) Tonicidade do vocábulo	o) Classe gramatical do vocábulo
h) Tonicidade da sílaba	

Tabela 1: Fatores eleitos para análise quantitativa.

5. Análise dos resultados

Terminadas as codificações, obteve-se o total de 5972 dados, distribuídos em quatro variantes, como mostrado no gráfico que se segue:

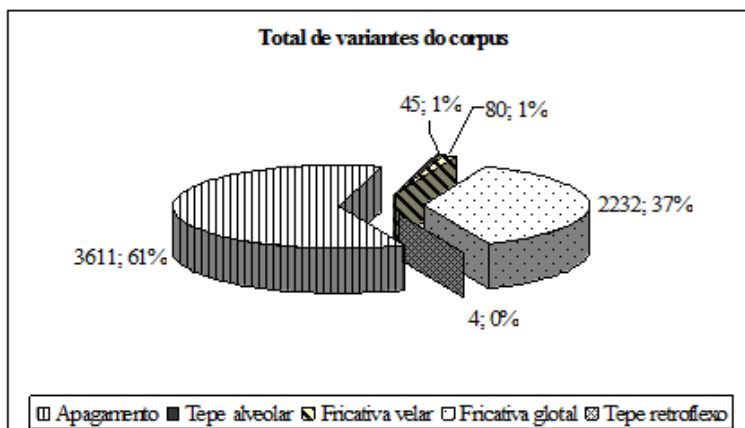


Gráfico 01: Distribuição do corpus segundo variantes encontradas.

É preciso mencionar que, na recolha dos dados, nos dois municípios primeiramente entrevistados – Petrópolis e Itaperuna – não houve as produções anteriores (tepe alveolar e tepe retroflexo), fato que se tornou evidente em Paraty desde a primeira entrevista feita.

A análise se biparte em dois grandes grupos: (i) os resultados de acordo com o apagamento ou manutenção do segmento e (ii) a comparação entre os dois pontos de articulação das fricativas – velar ou glotal. Neste artigo, nos deteremos apenas no primeiro grupo.

5.1. Processo de apagamento

5.2.1. –R externo

O total de dados no Questionário Fonético-Fonológico que findam vocábulos é de 504. Destes, 81% sofrem apagamento e são favorecidos por dois fatores: a localidade e a classe gramatical. No que concerne aos três municípios da amostra, a localidade de Paraty com suas 164 ocorrências foi a única com peso relativo acima de 0.5. O segundo grupo elegido, a classe gramatical dos vocábulos, revela a tendência ao zero fonético em lexias que são verbos no infinitivo, atingindo 0.558 de P.R. Vale lembrar que o peso relativo é um componente da análise quantitativa que quanto mais próximo do número 1 (um) mais favorece a aplicação da regra.

As ocorrências que provêm do Discurso Semidirigido tanto são em maior número do que o QFF, quanto permitem observar mais grupos de fatores que exercem influência sobre a regra de cancelamento. Há 3.259 dados nesse contexto, dos quais quase a totalidade preenche a expectativa do zero fonético.

O primeiro deles é a vogal que antecede o segmento em foco, das quais a anterior alta [i] demonstra forte probabilidade ao apagamento, com P.R. de 0.94. Em CALLOU (1987), embora o [i] não figure na primeira colocação, e sim a vogal anterior média baixa [ɛ] com 0.647, a configuração das vogais que mais favorecem esse zero é a mesma: traço [+ anterior] juntamente com o traço [- arredondado].

Um segundo grupo, já previsto em outras pesquisas, foi aqui reiterado: a classe gramatical do vocábulo, com a preferência pelos verbos no infinitivo. De um modo geral, infere-se que não importa o grau de escolaridade para que esse cancelamento do infinitivo verbal se dê. Na presente pesquisa, os dados de QFF também possuem diversas formas verbais que visam a saber se esse zero fonético se dá. E 84% dos 320 dados advindos do

Questionário Fonético-Fonológico ratificam essa importância da classe no que concerne a não preservação do /R/, mesmo estando em uma situação mais controlada.

5.1.2. – R interno

Quanto ao número de ocorrências internas de /R/ no Questionário Fonético-Fonológico, há 673 dados. Destes, somente 4% deixam de manifestar o rótico no travamento da sílaba.

Os dois fatores escolhidos são o contexto subsequente e a idade do informante, nessa ordem. Percebe-se que apenas a faixa três (acima dos 55 anos), embora com percentual baixo, é aquela que se permite apagar o rótico no interior dos vocábulos. A faixa intermediária é a que menos alcança representatividade quanto a não realização de /R/.

No Discurso Semidirigido, os dados de /R/ interno somam 1.533 ocorrências. Ainda confirmando a tendência à preservação encontrada no QFF, somente 106 dados excluem o rótico. Logo, o entorno do segmento em questão parece ser o mais importante no momento de optar pelos fatores principais, pois o contexto subsequente aparece logo a seguir das vogais que precedem os róticos.

5.2. Conclusões da análise

No que concerne ao processo de apagamento, que levou em conta a oposição binária entre o zero fonético e a soma das ocorrências de manutenção, é possível afirmar que: (i) os róticos em posição externa demonstram franca tendência ao cancelamento, pois, nas rodadas gerais (contemplando QFF e Semidirigido) a soma percentual é de 92%; ii) em termos percentuais, os róticos internos parecem andar na contramão da aplicação da regra, pois apresentam somente 6% de cancelamento do fonema.

Sobretudo quanto aos róticos internos, é possível dizer que a via que lhes conduz é, de fato, a da manutenção. Isso permite pensar se as palavras que deixam de conservar o segmento são as mesmas, o que configuraria um processo de difusão lexical, explicada por CHAMBERS e TRUDGILL (1982:175) como “a teoria em que uma mudança linguística espalha-se gradualmente através do léxico, de morfema a morfema”. Um olhar atento sobre alguns dados que apagam nesse contexto permite afastar tal hipótese: por exemplo, as ocorrências da palavra “catorze”, que fizeram a fricativa alveolar sonora [z] obter maior peso

relativo para aplicar a regra de cancelamento no QFF, mantêm o rótico nas catorze vezes em que aparece no Semidirigido; mais do que isso, dentro do Questionário Fonético-Fonológico, há vinte dados de zero fonético para essa lexia contra vinte e oito de manutenção, fato que não levaria a dizer que é um vocábulo estritamente favorecedor da regra, já que nele se vê certo equilíbrio de realizações.

6. Considerações finais

O presente estudo se finda, permitindo as seguintes conclusões: (i) o processo de variação e mudança dos róticos continua a expandir-se em território fluminense, possuindo altos percentuais para os dois últimos estágios: a glotalização e o cancelamento; (ii) as variáveis linguísticas se sobrepõem às não linguísticas na mudança de /R/. Mesmo assim, é possível, pela estratificação do corpus, que se controlem os grupos sociais típicos desse tipo de estudo e colocá-los, por vezes, em posição de favorecimento às regras postuladas; (iii) o apagamento, seja em posição interna ou externa ao vocábulo, mostra-se suscetível aos mesmos condicionamentos linguísticos, como o contexto antecedente ou o número de sílabas do vocábulo.

De maneira geral, os resultados refletem uma variação que se processa em todo o território brasileiro, como se lê em trabalhos regionais ou em comparações mais abrangentes. Vejam-se, por exemplo, os estudos a que se referem Callou e Leite (2004, p. 44) com cinco capitais brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife) em que as autoras mostram uma “linha divisória que separa São Paulo e Porto Alegre de Rio de Janeiro, Salvador e Recife”, no que se refere a qual tipo de vibrante é mais recorrente nesses territórios.

Por fim, tentamos contribuir com mais uma parcela da descrição dialetal do português brasileiro, revelando que, independente do nível linguístico em que se processe, há suporte teórico para analisar a variação. Para além disso, sabe-se que os processos de variação podem desencadear uma mudança linguística (alguns fones deixarem de existir, por exemplo), fato que só será comprovado décadas ou séculos depois, mas que os estudos de variação puderam prever e contribuir para sua estruturação.

7. Referências bibliográficas

- CALLOU, Dinah. Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ/PROED, 1987.
- CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa. 2 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- _____. Dicionário de Linguística e Gramática. 24 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- CASTILHO, Ataliba T. de. “O português do Brasil”. In: ILARI, Rodolfo. Linguística Românica. São Paulo: Ática, 1992. p. 237-269.
- MELO, Tiana & RODRIGUES, Deisiane. "A Realização da Vibrante em coda silábica nos Atlas Regionais do Brasil” na XXVI Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Artística e Cultural, Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.
- MELO, Tiana; CUNHA, Cláudia e RODRIGUES, Deisiane. “A vibrante em coda silábica nos Atlas Regionais do Brasil”. In: CUNHA, Cláudia (org.). Estudos geo-sociolinguísticos. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2006.
- NASCENTES, Antenor. O linguajar carioca. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- SILVA, Thaís Cristófar. Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- TARALO, Fernando. A Pesquisa Sociolinguística. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001. Série Princípios.